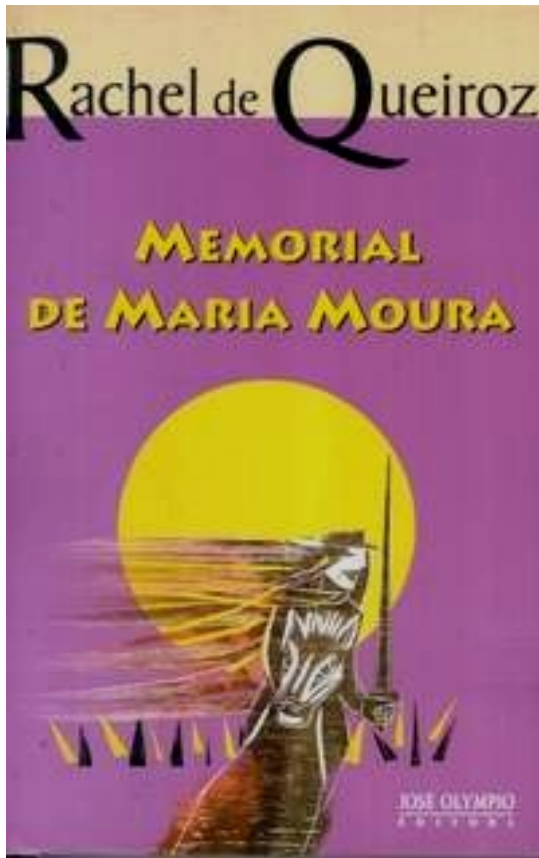


MEMORIAL DE MARIA MOURA

Rachel de Queiroz



Uma das narrativas mais marcantes da escritora, a trama situa-se em meados do século XIX, no sertão. Maria Moura é uma menina que tem problemas com o padrasto quando a mãe morre e acaba envolvida em uma disputa de terras.

Memorial de Maria Moura, de 1992, é o último livro produzido pela escritora cearense Rachel de Queiroz, a primeira mulher a se tornar imortal da Academia Brasileira de Letras. No romance, acompanhamos a trajetória da protagonista, que dá título à obra, que, de moça sozinha no mundo, se torna líder de um bando de aventureiros, semelhantes a jagunços, no sertão brasileiro, por volta de 1850. O livro serviu de inspiração para uma minissérie televisiva homônima e vai ganhar em breve versão para o cinema.

CABRA-MACHO, SIM, SINHÔ!

Rachel de Queiroz foi uma das pioneiras da segunda fase do modernismo no Brasil, caracterizada pela estética neo-realista que privilegia o texto enxuto, a descrição objetiva, a ênfase na ação exterior, o retrato social, certa complexidade psicológica e, em muitos casos, a ambientação em espaços rurais, sertanejos, distantes dos grandes centros urbanos, portanto, regionalista. Em *Memorial de Maria Moura*, encontramos esses elementos. Embora seja uma obra de publicação recente, o estilo que consagrou a autora

permanece.

O livro, em um primeiro momento, pode intimidar o leitor comum por causa do volume, já que possui quase 500 páginas. Entretanto, a estrutura lembra o formato do antigo folhetim, que possuía capítulos não muito longos, impregnados de ação, conflito amoroso e tensão constante entre as personagens, prendendo a atenção do público. Não por acaso, o romance foi adaptado para a TV. Afinal, possuía todos os elementos característicos das telenovelas. Outro fator que torna *Memorial de Maria Moura* uma obra de leitura mais acessível é a linguagem simples, direta, crua, que busca reproduzir a fala do sertanejo, bem como retratar a cultura popular e pitoresca.

A dedicatória do livro é dirigida a, entre outros, Elisabeth I, rainha da Inglaterra entre 1558 e 1603, que, segundo Rachel, serviu de inspiração para a criação de Maria Moura, pelo caráter forte e pela liderança nata.

Elisabeth, em discurso para incentivar as tropas inglesas que enfrentariam a Invencível Armada Espanhola, disse: "Sei que tenho o corpo de uma mulher fraca e frágil; mas tenho também o coração e o estômago de um rei - e de um rei de Inglaterra!". E Maria Moura: "Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem (...) só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E, se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com os meus homens, mas me retiro atirando. E deixo um estrago feio atrás de mim. (...) Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede. Quem pensou nisso já morreu".

SOBRE A ESTRUTURA DO ROMANCE

A narrativa é em primeira pessoa. Contudo, ao contrário da construção tradicional, que conta com um único narrador, temos, em *Memorial de Maria Moura*, a presença de múltiplas vozes, o que caracteriza a polifonia, ou seja, a história é contada do ponto de vista de cada uma das personagens de maior destaque.

A estrutura do romance pode ser dividida em três partes: no eixo central, temos Maria Moura e os primos, Tonho e Irineu, com os quais ela disputa a herança. Como núcleos paralelos e secundários, temos o conflito do padre José Maria - Beato Romano; e o casal Marialva e Valentim, e a vida de ambos no circo em

que ele trabalhava. No entanto, o enredo é fragmentado, quebrando a linearidade, entrelaçando as ações das diversas personagens, revelando aos poucos o passado delas por meio de vários *flash backs*.

No início, conhecemos a jovem Maria Moura, que, aos 17 anos, encontra a mãe morta, enforcada com o cordão de uma rede, o que, num primeiro momento, parece ter sido suicídio. A moça, que já havia perdido o pai na infância, passa a ser criada pelo padrasto, Liberato, que a seduz, aproveitando-se da carência dela, transformando-a em sua amante.

TRECHO

“Já antes eu estava com medo daquela noite. Trancada no meu quarto, sozinha, pensando no mal que Cirino me fez. (...) O meu mal era a grande fraqueza por ele, que eu sentia. Eu gostava de, comigo, chamar aquilo de amor. Mas só porque achava bonito e porque, no amor, tudo se perdoa. Mas não era amor, era pior, eu acho que era mesmo paixão. Nem era só um cio violento, mas passageiro, que depois de satisfeito se desvanece. Não era cio; e era muito mais que amor — amor é querer bem, carinho, amizade. Paixão, sim. (...) E agora — eu tinha de enfrentar aquela traição. Não de amor, que se pode perdoar, mas de fé. Traição à Maria Moura, à mulher de quem Cirino se gabava, na casa das raparigas, que comia na palma da mão dele.”

COMENTÁRIO

Nesse trecho, temos um dos momentos decisivos da vida de Maria, em que os sentimentos não podem interferir no dever. Mesmo assim, é um momento em que ela descobre quanto é vulnerável, como qualquer mulher, como qualquer pessoa. Reparem na descrição crua, não idealizada, das emoções.